

aquisição do decadente *Morning Journal*, construía o seu império na imprensa, proporcionando ao público inclusive uma guerra, a de Cuba. É fácil avaliar a terrível força da engrenagem que se compõe de agências de notícias, agências de publicidade e cadeias de jornais e revistas, sua influência política, sua capacidade de modificar a opinião, de criar e manter mitos ou de destruir esperanças e combater aspirações. Quando se verifica que essa gigantesca engrenagem é simples parafuso de engrenagem maior, a que pertence, do capitalismo monopolista, ainda mais fácil é estimar o seu alcance e poder. Sem considerar esses dados, que a fria realidade apresenta, é impossível, entretanto, discutir problemas como o da liberdade de imprensa, aspecto parcial do problema da liberdade de pensamento. E quando são inseridas no quadro as novas técnicas de mobilização da opinião, como a televisão e o rádio, também submetidas, em muitos países, à iniciativa privada e associadas, inclusive, à imprensa, e também submetidas a organizações em cadeia, verifica-se quanto aquele problema fundamental se apresenta complexo e depende do regime predominante.

A questão da periodicidade apresenta-se sempre como preliminar nas exposições históricas. Trata-se de recurso didático, destinado a facilitar a compreensão do desenvolvimento de qualquer processo ou fenômeno. No caso da história da imprensa brasileira, verifica-se, pela visão de conjunto, que a única repartição acorde com a realidade seria em imprensa artesanal e imprensa industrial. Tomado o fenômeno como específico, visto em separado, isolado do conjunto em que se desenvolveu, essa divisão, ainda assim, é a mais cabível. Acontece, porém, que a fase de imprensa industrial é relativamente recente, entre nós, e demasiado curta por isso mesmo. Aceitar a divisão mais aconselhável seria apresentar um conjunto desequilibrado: o longo período artesanal e o curto período industrial, contrastando. Preferimos optar por uma divisão que, embora arbitrária quanto ao processo estudado, quando visto separadamente, tem a virtude de integrá-lo no conjunto do desenvolvimento histórico do país. A nossa imprensa, no que tinha de específico, não mudou com a passagem do Império à Regência, ou do Império à República. Mudou muito, entretanto, quanto ao conteúdo, quanto ao papel desempenhado. A divisão escolhida não tem maiores vantagens, pois, mas apresenta, em sua rudimentariedade, recurso aceitável, visando melhor e mais fácil compreensão de seu desenvolvimento. Isso permitiu ligar sempre a situação da imprensa ao quadro geral do tempo, suas características, suas necessidades. Tal ligação não foi sempre